

O SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E O SENHOR

ANTHERO DO QUENTAL

POR JULIO DE CASTILHO



LISBOA

IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

NOVEMBRO DE 1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Deparou-se-me ha poucos dias um escrito, que, se não pela sua valia intrínseca, ao menos pelo assumpto, e talvez até certo ponto pelo autor, me concitou attenção especial, e me obriga hoje a tratar, sob alguns dos seus aspectos, materia que, para mim sobre tudo, envolve os maiores melindres. Intitula-se o folheto que ora tenho sob os olhos—*Bom-senso e bom-gosto—carta ao excellentissimo senhor Antonio Feliciano de Castilho por Anthero do Quental.*

O *Commercio de Coimbra* de 14 do corrente dizia, depois de mencionar o nome da obra:

«Com este titulo acaba de ser publicada, e vai ser exposta á venda nas principaes livrarias do reino uma critica energica e desassombrada sobre o CARACTER MORAL e o MERECIMENTO POETICO do sr. Castilho; discute-se ali o HOMEM, e o LITTERATO. Traçada com muito vigor, com grande conhecimento de causa, e sempre á altura do assumpto, esta critica mostra vantajosamente a tempora do genio e engenho do autor, e serve para instrucção das pessoas que ainda não conhecem assaz o BOM SENSO e o BOM GOSTO do sr. Castilho.»

São obvias as rasões que fizeram de mim o mais attento de todos os leitores, que por sua ventura (ou desventura) tivesse o opusculo; desde a primeira linha até á ultima, devorei com soffreguidão esta carta memoranda.

Acostumado a venerar o escritor verdadeiramente grande e illustre, de quem tenho a honra de descender; affeito a estudal-o, a lel-o, a advinhal-o; conhecendo muito de perto os thesouros moraes incalculaveis daquelle alma purissima, e daquelle coração de oiro; não posso, sem muita e muita magua minha, vêr que assim desconhecem, descomprehendem, e calumniam um homem, que para mim é mais e muito mais do que um Pae: é um simbolo litterario, é uma gloria nacio-

nal e europea, e... (venhâmos ao intimo) é o maior, e o mais seguro, e o mais dedicado dos amigos.

Quando o assalta á falsa fé, e de traz das esquinas, a matilha esquálida e esfaimada dos que só anonymos atiram lama, não respondo, nem mesmo dou por elles; esses taes villõesinhos semsabores estão salvos na sua mesma capa de rufiões ignobéis; quem os assalariou, que os pague; mas quem tem brio nem os lê, nem as mais das vezes lhes sabe o nome; que importa o nome de quem o não tem? Os doestos, as caricaturas, os insultinhos dos *Asmodeus* e dos *Lucifers* e dos *Torniquetes* e dos *Piparotes*, isso tudo é felizmente já hoje inofensivo; a opinião avalia-o como deve.

Quando porém o aggressor do sr. Antonio Feliciano de Castilho é mancebo de boa linhagem litteraria, é contendor com quem não é desdóiro antes quasi honra quebrar lanças, saíó á estacada; e tenho que não haverá quem me estranhe a ou-sadia, e muito menos quem m'a leve a mal. O ser filho não tolhe o ser admirador e entusiasta; o ser filho não veda que se diga de um tal varão toda a verdade.

Sáio pois á liça, levantando a luva que o sr. Anthero do Quental arremecou para Tibur, e que, mão grado seu, errou o alvo, porque o Mestre não leu o repto. A infermidade, que de tantos annos o sequestrou á luz do sol, e o pôz na dependencia dos seus intimos impediu desta vez (como de muitas outras) que por seus olhos tomasse o grande homem conhecimento das phrases do talentoso filho da Academia; mãos intimas e amicissimas souberam furtal-o á inesperada visita do mancebo, e impedir que por causa deste novo hospede se furtasse elle, o poeta, ás horas que diariamente conversa com o seu eterno Mantuano. Mais cedo ou mais tarde, mais por aqui mais por ali, ha-de sem duvida (descance o sr. Quental) chegar o seu nome aos ouvidos do Mestre; a sua obra, não; elle não troca Ovidio e Virgilio por nenhum escrito coimbrão, nem mesmo (por ora) pelos do sr. Anthero do Quental. Longe de se ensurecer, o Mestre havia de apiedar-se de quem, como o autor das *Odes modernas*, tão mal emprega as horas, que de occupações mais sérias e mais bem logradas lhe sobraram. É deveras lastima que um homem como o sr. Anthero do Quental desbaratasse a escrever e assignar aquella *carta* algumas horas, que, bem aproveitadas, lhe dariam muito mais gloria indisputavelmente.

Mas que digo! longe de mim o pensamento de dar conse-

lhos a quem tão bem os sabe dar a homens de sessenta annos, a homens provados e aguerridos nesta ardua roda-viva a que se chama a vida litteraria. O sr. Quental é tão rico do seu proprio valer, que para desconto daquelle *carta* possue e ha-de possuir muitas e mui bellas coisas no seu guarda-joias de opulento.

É Anthero do Quental um nome, que, obscuro ainda para muitos (falemos franco) em mim desperta lembranças, e até saudades, e muitas; nome que hoje desabrocha e começa a pompear, como tantos outros, entre os sinceiraes arcadicos do Mondego, nome que dentro em pouco será glorioso, nome que enlaçado com o meu em tempos que já lá vão e não tornam, me acostumei a amar como o de um quasi irmão, lá desde quando o destino unira as nossas sortes naquelle ilha, terra delle e meus primeiros amores, naquelle ilha abençoada, que Paulo e Virginia invejariam para berço e para sepultura. É Anthero do Quental (coincidencia notavel e dolorosa) o meu mais antigo amigo, o companheiro dos meus folguedos de inocente; dobrada pena me fez ver que tão improprovocada como acremente menoscabava elle o nosso antigo mestre *commum*, o esforçador, o homem do conselho, que é meu Pae, que é o Pae do seu amigo. Dobradamente penoso me é tambem ter de repellir a mão que outr'ora apertei, e de justar severidades com quem me acostumára a aprecial-o como intimo. É forçoso fazel-o, não já por mim: por esse, a quem muito mais do que a mim proprio estimo e amo.

Não supponham porém os illetrados, e os menos versados em coisas destas, que venho eu, bisonho e novél, tomar a defensa publica de Antonio Feliciano de Castilho; as settas do seu juvenil contendor nem são hervadas, nem o feriram, nem já agora o podem ferir; bem defendido dellas estava elle; as arvores de Tibur teem não sei que abençoado condão de esconjurar o raio; ali nada chega, mercê de DEUS !!

Não é pois na pomposa qualidade de escudo ao grande poeta (perdõe-nos o sr. Quental se ainda, apesar de tudo quanto elle disse e fez, tanta vez chamamos *grande* e *poeta* á sua vítima), não é para advogar o cantor da *Primavera*, que emprehendi responder do fundo da minha total obscuridade litteraria ao autor das *Odes modernas*; foi sim por ser o aggressor quem é, e pelo ver sair de armas em punho e tremulo de raiva dentre a cohorte dos amigos.

Não lhe tenho odio; não desço a tanto; vejo-o fulo, raivoso,

espumante, e não me arreceio ; compadeci-me. Braceja, raiava, morde-se, falseia as verdades mais obvias e inconcussas, desmancha-se, roja-se, confunde ! merece indulgencia ; é um homem apaixonado, transviado, louco de impotencia, e embriagado de odios. Respeitemos este infortunio, que o é, e muito grande.

Eu por mim (juro-o) não me exacerbei com a leitura da carta ; não senti ira, nem vislumbres della ; senti um dó profundo, mixto singularissimo de espanto e dor !

É sob essa impressão, que ainda hoje escrevo.

II

Saíu ha mez e meio o rico livrinho do meu bom e antigo amigo Pinheiro Chagas—*Poema da Mocidade*.

A carta que o epilogou, devida á pena do nosso primeiro lyrico, e por elle espontanea e generosamente offerecida ao poeta que se estreava, foi mais um monumento, destes que elle sabe erigir com a sua mão robusta e o seu gosto imper-turbavel ; um manancial de doutrina sã, clara, secunda, de conselhos, de juizos de experiente, de reprehensões de Aristarco ; digna respondencia á admiravel *Conversação preambular*, com que ha annos o mesmo vulto litterario abrira portico ao já tão glorioso Thomaz Ribeiro.

O que a paginas 213 e seguintes se diz de Theophilo Braga, Anthero do Quental e Vieira de Castro é (supponho) o ponto da discordia, e o pretexto da guerra. Quem não leu aquelle escrito ? haverá ainda alguem para quem elle seja novidade ?

É Vieira de Castro um mancebo que poucos annos me leva de dianteira, mas de quem ha muito sou amigo, se o pouquis-simo convivio, que a distancia reciproca nos permite, não me vedam aos olhos delle esse nome. O seu talento notavel, que ninguem já hoje desconhece, os seus vòos de aguia nos ceos da eloquencia, vòos ás vezes mal seguros, trepidantes, mas arrojados e nobres, a sua erudição, o seu pulimento litterario, o seu congénito pendor para as opulencias linguisticas e para as galas facundas, em que tanto prima o seu mestre e nosso primeiro romancista Camillo Castello Branco, tudo isto, que em annos mais largos era muito, em tão verdes annos bastava para assombro. Conheci-o em casa de meu Pae, a cuja boa critica o juvenil e então quasi imberbe universi-

tario fôra submeter um livro, romance se me não engano, e que o Mestre lhe ouviu e lhe aquilatou com aquelle horaciano julgamento, que eu desde pequenino venero como a oraculo. Desde esse tempo Vieira de Castro cresceu, e muito; cotejam-se as primeiras com as ultimas obras suas.

A Theophilo Braga conheço menos, mas admiro muito. Nunca o meu amor-proprio de versejador obscuro ha-de esquecer a acolheita que recebeu do já então afamado talento de Theophilo Braga, quando a elle me apresentou um dia numa sala de Lisboa um amigo *commum*. A affabilidade do seu trato, a cordealidade das phrases que me dirigi, a finissima intenção com que teve a estremada bondade de recitar-me versos meus, tudo me captivou, e me tornou tão seu pelo coração, quanto eu já o era pela intelligencia.

Anthero do Quental era ha poucos dias ainda (como custa vêr partido um fio de tantos annos!) o meu mais antigo amigo, um moço talentoso e sympathico, uma das aguias implumes, que na Universidade se estão creando para gloria sua e do paiz. Hoje.... continua a ser uma das vergonreas mais víçosas da grande arvore; amigo meu.... já não o considero.

Taes eram, em rapido bosquejo, os tres assumptos que o sr. Antonio Feliciano de Castilho tratava naquellas paginas da sua conversação, e tratava (abi estão impressas as provas do processo; é ler de boa fé, antes de decidir) e tratava, repito, com tanta philosophia e amisade.

Abi se aquilatam..... engano-me: abi se mencionam honrosamente esses tres auspiciosos engenhos, talhados para grandes coisas, e que já hoje começam a desatar em frutos muitas das esperanças com que se abotoavam: Vieira de Castro, Theophilo Braga, Anthero do Quental. Todos tres frequentes vezes alvo á critica do nosso Pinheiro Chagas, por esse lado vinham frisando naquelle juizo.

Era mister mencionar e explicar uma das feições (porventura a mais importante e decisiva) do talento de Pinheiro Chagas: a critica: mencionando-a e explicando-a, apreciar num rasgo aquelles tres mancebos, *talentos distintos, de não pequena clientela todos elles*, e que *teem sido e continuam a ser acremente objurgados por este aquilatador inexoravel.*¹

Agro era sem duvida o intento: era força não ferir sem causa, e não cohonestar o erro, se acaso o houvesse de algum

¹ Poema da Mocidade — Critica litteraria — pag. 243.

dos lados; interpretar e defender o calor, a energia acre mas sincera, com que tantas vezes o critico poeta cauterisava o mal na carne palpitante dos escritores a quem estudava; explicar essa apparente acrimonia, demonstral-a, justifical-a, e ao mesmo tempo não ferir, não exacerbar vindictas entre os criticados e o critico, antes compol-os e congraçal-os, visto que para obra de utilidade commum trabalhavam, desconhecendo-se e azedando-se.

Missão nobilissima era sem duvida, e quasi sublime, essa a que nesse ponto se dedicou o interprete de Ovidio. Via diante de si tres homens a trabalhar, e defronte delles outro homem a excital-os, a esforçal-os, a aconselhal-os, a arredal-os de um para outro sulco, onde o trabalho delles medraria melhor, a julgal-os á luz da propria intelligencia independentissima. A *forma* era talvez errada; o acto era bonissimo per si, e pelo remedio què encerrava. O mestre não condemnou a uns nem a outros: disse a este: — Perseverá; — disse áquelles: — Trabalhae; sob as suas apparencias-de inimigo, é este (mal o presumis) o vosso amigo.

«*O critico de bem, severo até, e embora desabrido — ouvi, ouvi; são palavras de Castilho — é, ainda que ao criticado o não pareça, o amigo mais proveitoso de quantos pôde ter. Vale-lhe elle só á sua parte mais que trinta e trescentos louvadores. É uma verdade na qual ao tempo não caimos, porém de que chegâmos depois a convencer-nos, e por nós mesmos, se o orgulho nos não cega. Que pesar que não sente quem estas linhas escreve de não ter encontrado ao encetar a carreira poetica um reprehensor bem austero de seus escritos, embora publico! Quão menos arrependimentos litterarios lhe não gravariam hoje a consciencia!*

Que maior sinceridade, que maior lhaneza e hombridade quereis, do que essa que ress umbra destas portuguezissimas palavras! quantas vezes lh'as tenho ouvido eu, nas conversações intimas de Tibur, conversações que não são talvez as menos admiraveis de suas obras.

«*Uma de duas — diz elle e muito bem — ou cada um desses tres mancebos é perfeito, ou não: se é perfeito, ninguem tema por elles: são tres aguias que nasceram adultas; que no seu vôo empolgarão os raios; e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pincaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será senão embalal-as, em*

quanto sonham na immensidade, no sol, e na gloria. Se porém não nasceram com o inaudito privilegio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum delles o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têem, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando,

(*Multa ferunt anni venientes commoda secum,
multa recedentes adimunt.....*)

se daqui a dez outomnos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum delles ha-de ser tão milagrosamente ditoso que aprove em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto pensa, que lhes faz a critica, sendo antecipar-lhes de certo modo a experencia? conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios?

Isto dizia meu nobre Pae. Isto, com que elle, a um tempo doutrinador e amigo, buscava levar o balsamo aos feridos, e encaminhar a mão do physico, foi a causa (se é que o foi) de tanta acrimonia, de tanto fel, de tanta falsidade (perdõe-se-me a palavra, á conta do bom cabimento que neste ponto lhe acho)!! Deus meu!

Esta é a verdade. Desafio o sr. Anthero do Quental, o seu illustrado amigo que redigiu a engracada noticia do *Commercio de Coimbra*, e todos os seus amigos, que são numerosos, a desmentirem-m'a.

III

É a critica um sagrado ministerio! fallar verdade é coisa que parece minima, e é maxima.

O sr. Anthero do Quental, critico dos criticos, impoz-se um papel altamente invejando!: alassalhar uma reputação estabelecida; vomitar injurias contra um nome querido e respeitado de todos, consporcar de lama um vulto memoravel, uma das glorias da nossa terra. Nobre ainda assim fôra o encargo, se com tudo as palavras do distincto escritor correspondessem a convicções intimas, e fossem devida e irresponsavelmente comprovadas.

Inquisição litteraria é tribunal que não existe; tolerancia é a divisa para todas as seitas; ninguem por pensar contra Vir-

gilio, contra Hugo, ou contra Homero, será açoitado em pelloirinho, nem queimado em auto-de-fé.

Quando porém se falla de um homem de bem, e de um homem assim illustre, havido por grande, e muito grande, no juizo (embora errado) de todo um reino, parece-me prudente documentar, explanar, e não limitar a meros diterios, mais ou menos insultos, toda a verrina.

O *Torniquete* e o *Piparote* esses podem insultar como quizerem; ninguem lhes pede contas do que dissêram na vespera; e os lacaios, que se deliciam com a leitura das suas parvoezes envenenadas não vão pedir explicações á redacção. O sr. Anthero do Quental porém não é nem o *Torniquete* nem o *Piparote* e corre-lhe estricta obrigação de provar o seu dito.

A grande carta do auctor das *Odes modernas* se podesse ser tomada a serio continha um mal gravissimo, e um damnado exemplo; *não que a justiça e a verdade se offendessem* com as apreciações do sr. Quental; *verdade e justiça estão tão altas que não tem olhos com que vejam as pequenas coisas e os pequenos homens*; ¹ (Perdão se neste caso nos servimos de palavras do proprio auctor da carta; é sempre um prazer vér que as nossas idéas se acham de antemão formuladas por um espirito superior); não que as apreciações do sr. Quental influissem em mal ou em bem no juizo ha mais de um quarto de seculo formado e assente por todo Portugal; não que as palavras de um só sobrepojassem (nem que elle fôra Stentor) á voz de toda a livraria portugueza d'áquem e d'álem mar; mas sim e unicamente porque fôra um espectáculo altamente immoral e injustificavel, que um mancebinho imberbe se affoitasse, á hora em que os seus pares ainda mal abrem os olhos á grande luz, se affoitasse, repito; a menos-cabar as coisas santas da arte, a desrespeitar um homem de bem, a entrar com fumos de juiz no templo das letras, a discutir em tom doutoral homens e coisas; homens, que mais de vinte annos antes delle nascidos já trabalhavam, estudavam, e cresciam; coisas sob as suas apparencias frivolas as maximas deste mundo!

É muito para ver, e muito para estudo moral desta era de depravação e desregramento por que estamos passando, o despejo com que um estudante qualquer se arvôra em censor de censores, e se atreve a fallar a um reino todo, do alto do que

¹ *Bom senso e Bom gosto*—pag. 4.

elle julga a sua cáthedra, uma lingua insolita, onde as regras primarias do bom gosto e das conveniencias sociaes são postergadas, onde os serviços de um benemerito são esmordaçados, e onde se está entrevendo raivar e estorcer-se, como serpe, um despeitinho invejoso, uns arremecosinhos de liliputiano a querer fazer de David contra um gigante !

Faz lastima realmente ! e se o aprendiz que teve a bondade de se dar *ao incommodo de erguer a cabeça de cima do seu trabalho para escutar*¹ ás palavras do mestre de nós todos, Antonio Feliciano de Castilho, e que entendeu (e muito bem) não perder o seu tempo, *servir a MORAL e a VERDADE* (!) *verberando* (!) *a deshonesta acção* do honestissimo poeta, se o aprendiz que tanto teve para ralhar com o mestre, podesse, por uma presciencia magnetica, ouvir de antemão no silencio inspirativo do seu gabinete de estudo, ás horas mortaes da noite, para elle tão vivas e inspiradas, a estrondosa gargalhada com que todo um reino havia de responder-lhe, tenho que haveria sem demora largado a penna da sua satyrasinha de Mevio, e escondido prudentemente (ao menos por emquanto) a férula litteraria. Porque realmente (e convença-se disto o sr. Anthero do Quental) ninguem soube tomar a sério as suas 16 paginas ; todos riram d'ellas menos o autor.

E foi pena (sinceramente lh'o digo aqui á puridade) ; Anthero do Quental passava, visto de longe, por ser um bom talento ; muito verde o suppunham alguns ; muito sublime outros ; mas a seiba, mas a força, mas a qualidade, ninguem lh'a negava. Entre as nebulosidades abstrusas do seu escrever, parodias rachiticas de forasteiros e dextros gymnastas e gladiadores da idéa e da palavra, entrevia o maior numero um pensador, um sonhador, um atrevido explorador desse pólo arctico da sciencia humana, chamado phylosofias. Hoje porém, que o sr. Anthero do Quental retrogradou por um progresso muito notavel (desculpem o antinomico da phrase) e desceu a fallar chão, e como toda a gente, hoje que largando a tuba meio ossianica, meio dantesca da sua linguagem oracular, fallou portuguez hodierno, (para ser entendido pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho) ninguem se poude ter que não risse ao ver como ficava de sandalias a estatura, que gigantea nos parecera quando calçava cothurno, trajava pallio, e usava mascara sonora.

¹ Carta — Pag. 5.

Não importa ; grande e nebuloso, prophetic e intangivel, foi para mim um quasi mito ; vestido á moderna, e descendo até nós, como simples mortal, é realmente uma figura comica o nosso estudantinho ! a pesada durindana, que elle sinceramente crê ser sua, a compostura empavesada do espadachim, as sumaças de ermitão, que lá nos seus ermos coimbrões descreu do mundo que o não entende, tudo faz delle um apetecivel exemplar para um desses Gavarnis da penna, que ahi andam por essas espeluncas a rabuscar os typos, com que nos moralisam e nos desrugam.

Apezar de tudo, como fallou de papo, e se metteu onde não era chamado, examinemos o que disse, o que fez, e o que quer. Seremos breves, tanto quanto a importancia da materia nol-o comporte.

IV

Em cinco partes (pouco mais ou menos) julgo poder dividir-se o opusculo do sr. Anthero do Quental.

(E agora falemos serio ; o estilo picaresco, apezar de ter descido a elle a minha penna nas phrazes que acima deixo vem atravancar a discussão.)

Em cinco partes pôde pois dividir-se o opusculo.

É a primeira um breve exordio. Em phrazes solemnes e de quasi aruspical magestade expõe o autor ao seu antigo mestre em La Fontaine os motivos que a elle, nome *quazi desconhecido e sobretudo desambicioso*, ¹ *homem sem pretenções litterarias*, ² *puro limpo e innocent* ³ (qualificações pelo proprio signatario impostas a si mesmo) assim o compelliram a levantar *a cabeça de cima do seu trabalho*, ⁴ *a erguer a voz pelo que julgou a verdade*, *a erguer a mão pelo que acredito a justiça*. ⁵

São duas paginas asperas, ouricadas de allusõesinhos encobertas, e onde o autor, apezar das phrases aliás mui bellas, em que exalta a sua obscuridade, o seu trabalho, a sua abnegação, aparece frio e sereno, mas como que resignado a oferecer-se em holocausto a uma grande causa litteraria. Ha

¹ Carta — Pag. 3.

² Ibidem — Pag. 4.

³ Ibidem — Pag. 4.

⁴ Ibidem — Pag. 5.

⁵ Ibidem — Pag. 4.

no seu porte uma não sei que magescosa simplicidade de martyr que lhe fica a matar. Podia, pela sua *despreoccupação de fama litteraria*¹ pelos seus *habitos de espirito*² e o seu *modo de vida*³ verberar as palavras de Antonio Feliciano de Castilho *com um silencio ou modesto ou desdenhoso*. Não quiz; insligava-o a sua liberdade, a sua independencia, e, mais que tudo uma *força desconhecida*⁴ que nada menos é (permittan-lo a modestia do escriptor) do que a sciencia e consciencia da missão que o trouxe *com um codigo philosophico na mente, novo Mafoma, a regenerar este ignorudo canto de terra a que ainda se chama Portugal.*⁵

Fez bem o sr. Anthero do Quental; devia fallar; ha homens para quem é estricta obrigação collocar-se na vanguarda das grandes idéas, e defendel-as quando atacadas.

Tambem Victor Hugo, esteja onde estiver, levanta sempre a voz quando gemeu a humanidade aqui, alem, na Suissa, na Inglaterra, na America. Atalaia posta por DEUS, e lá do alto da sua torre de Hauteville House debruçado sobre o mundo, escuta, percebe, espreita por entre o murmurinho surdo da Troya humana, e no meio desta noite que nos insombra, o despontar, o crescer, o vermelhejar do incendio, aqui, alem, mais longe, um grito, um ai, um suspiro. É como o pastor de Virgilio.

Anthero do Quental, ao perceber que o sacrilego amigo dos classicos se aproximava, brandão em punho, ao tabernaculo das philosophias de Coimbra, temeu a conflagração do mundo, e teve de levantar a voz em nome do mundo para afugentar o novo Omar, o novo Erostrato. Não lh'o levemos a mal, antes lh'o agradecâmos.

Fica bem a um mancebo novel e atrevido o contradizer a um mestre; o pensamento é livre; as cathegorias não tem raias; e o bisonho pôde entrar sem medo a discutir o plano da batalha na propria tenda dos grandes capitães.

Nisso não ha desdoir, nem para os capitães, nem para o soldado; livre, liberrimo é o pensamento, e as suas manifestações liberrimas tambem. Pelletan pleiteou com seu mestre Lamartine as grandes e arrojadas theorias do progresso; quem

¹ Carta—Pag. 3.

² Ibidem.

³ Idibem.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem—Pag. 4.

saiu vencedor da luta, não me cumpre dizer-o ; que ambos se houveram como quem são, como compete a galhardos lidadores, com estreme cortezia e lealdade, todos, os da propria facção decabida, irão proclamal-o usfanos aos quatro ventos.

Como se houve porém nesta peleja o sr. Anthero do Quental ? (já que emsím é mister comparal-o a Pelletan) Como tratou elle numa simples pugna de principios, mal cabida e calumniosamente levada para o campo das personalidades, o seu mestre ? o talento ? uma das glórias deste *ignorado canto de terra a que ainda se chama Portugal* ? um homem bem-quisto ? o merecimento de um grande poeta ? as cãs de um homem de sessenta e cinco annos ? Como ? o proprio sr. Quental que vos responda nas suas brilhantes 16 paginas ; elle que vos desnude as alluzões rebuçadas e covardes (permitta-se o termo)... a tudo : á propria infermidade deste cego que a todos nos allumia !

Mas não antecipemos. O exordio é isto em poucas linhas. O autor promette discutir de *boa fé as impensadas e infelizes palavras* ¹ de Castilho ; de quanto lhe é devedor o poeta ! palavras *dignas quando muito de um sorriso de desdém*, — e *do esquecimento* ² provocaram a atrevida, e a partes eloquente epistola do pensador de Coimbra. Parabens ! valeu a pena.

V

Passemos á segunda parte do escrito. Começa no segundo § da pagina 5.

Nella se pretende insinuar que esta *guerra* movida á chamada escola de Coimbra (aceitemos o termo ; diz-se *escola de Alexandria* ; porque se não ha-de diser *escola de Coimbra* ?) é mero pretexto de outra vingança ; e se disem estas palavras, que, para retrato de quem as escreveu, nos permittimos estampar aqui :

«*O que se ataca na escola de Coimbra (talvez mesmo V. E. o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes) o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estilo, ou uma idéa. Isso é o pretexto apenas. Mas a guerra faz-se á independencia ir-*

¹ Carta — Pag. 5.

² Carta — Pag. 5.

reverente de escritores, que entendem faser por si o seu caminho, sem pedirem licença aos MESTRES, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo inaudito de uma litteratura desaforada, que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grãos mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade destes hereges das letras, que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e Pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas frontes o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pensar por si, e ser responsável por seus actos e palavras.»

A guerra — diz o sr. Quental — A guerra! a guerra! que pomposo nome! Antonio Feliciano de Castilho faser guerra a Anthero do Quental! isso foi equivoco.

O leão não faz guerra ao pobre cátulo que ladrou; abre a guela, e desapareceu o cátulo. Guerra! O gigante não faz guerra ao pigmeu; dá com a ponta do pé, e era uma vez um pigmeu.

Guerra é a dos Titães com o Olympo; guerra é a de Voltaire, com o Dante; a de Pelletan, com Lamartine; a de S. Pedro de Roma, com a cathedral de Reims; a do Parthenon, com S. Marcos de Veneza; a dos ghibellinos, com os guelphos; a de Napoleão, com a Europa; a de Hugo, com os obscurantes. Guerra é isso, ou muito me engano eu.

Mas guerra (não confundamos) não é nem pôde ser o que ao autor dos *Ciumes do Bardo* aprouve diser de alguns mancebos principiantes, nem tão pouco isso, que em 16 pagininhos escreveu o sr. Anthero do Quental ácerca do sr. Antonio Feliciano de Castilho. Guerra, sr. Quental! isso não é guerra. É de um lado, o conselho do Aristarco amigo, que entendeu (bem ou mal, isso é outra questão) que devia ferir e cauterizar para cura mais completa, e preferiu o adstringente, ao emolliente; é do outro... (emfim, seja o que fôr: não qualifiquemos). Guerra! isto! o sr. Quental estava brincando.

Admittido porém, como quer a vaidade do esperancoso alumno, que isto seja guerra machinada contra elle pelo primeiro vulto litterario do paiz, vejamos isso, a que, no entender do signatario da carta, se reduz tal guerra.

«O que se ataca na escola de Coimbra não é uma opinião litteraria, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idéa» — diz elle.

Feliz tempo, em que entre os bancos da galé escolar já pulullam as opiniões litterarias! os systemas! e os planos de reforma! Onde o progresso tem chegado!

Mas sério: quem se atreve a chamar ás puerilidades da escola de Coimbra uma *opinião litteraria!* *opinião litteraria* aquillo! é-o tanto como o são as do redactor dos cartazes de toiros, ou as do D. José Serrate, ou as dos gongoristas, ou as do pequenito que está dando na escola a *carta dos nomes*. Ter *opinião litteraria* quem ainda quasi não pôde ter opinião!

Chamar concepções *poeticas* áquellas abstruzidades de nevoeiro! aquelles acervos de palavras sem pensamento! *estilo* áquelle arrevesado diser, que vem como que estremunhado narrar as incoherencias de um sonho de febre, e bater fé que é a linguagem dos intermundios, da verdade, e do bello! chamar *idéa* áquella escuridão de catacumba!

Depois disto, arroga-se o autor das *Odes Modernas* uns certos sumos de Luthero, que ainda veem enneyoar mais esta já cerradissima questão, ou questiuncula.

«*A guerra* — diz elle — *faz-se á impiedade destes hereges das letras, que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e Pontífices.*»

Mas desenganemo-nos, sr. Anthero do Quental, desenganemo-nos: aqui não ha Pontificados litterarios, nem purpuras cardinalicias, nem mitras e báculos archiepiscopae, nem aristocracias theocráticas de especie alguma; a republica das letras é o mais democratica possivel. Nem o sr. Antonio Feliciano de Castilho aspirou nunca á Thiara como vigario apolíneo do Parnaso, nem os seus amigos, os seus intimos, e os seus admiradores ao barrete cardinalicio do sacro collegio. Por isso, escusa o erudito contendor de incommodar Luthero, querendo parodial-o nas suas intenções reformadoras. Pense como quiser, escreva o que lhe aprovver; mas não aspire a que o escomunguem lá da banda de Tibur; porque serio, serio, não vale a pena gastar um raio com o sr. *Luthero do Quental*.

Luthero era um grande homem, ousado e sincero Colombo de um mundo novo que não soube encontrar; ministro das trevas, que eu, como catholico-apostolico-romano, só posso (no meu pouco) renegar e despresar, sim; mas um genio eminente, que allumiou sem o saber o seculo xvi; um malfeitor da humanidade, um trasmalhador do rebanho, sim; mas um

dignissimo inimigo do grande Solio eterno da eterna Roma. Não o respeito, mas admiro-o.

O sr. Anthero do Quental porém, nem é Lutherô bastante para transviar ninguem, nem sequer tem ao menos para sua gloria um Leão x com quem arremeter, e que o immortalise com um lampejo da sua ira.

Deixem-se portanto estes *herejes* pequeninos de se arrogar foros de heresiarcas; larguem isso a quem competir.

VI

O sr. Antonio Feliciano de Castilho não aspira nem aspirou jámais a Realezas litterarias; conhece o seu lugar; mas, democrata de convicções profundas, não foi occupar o solio. A opinião publica de quasi cincuenta annos a esta parte distingui-o sempre com favor e justiça (releve-se-me a palavra; sou filho, mas essa honra não me inhibe de sentir a verdade); essa grande louca chamada *opinião* teve a imprudencia de conferir-lhe um dos logares eminentes deste sacerdocio moral; o seu nome é festejado e querido, lá desde o tempo em que outro critico de subidos quilates (perdõe-nos o sr. Quental) que era o Padre José Agostinho de Macedo, açoitando a tudo e a todos com a sua proverbial acrimonia e rispidez, estremou não obstante, aquilatou, e coroou com altissimos louvores, o cisne de dezasseis primaveras, que do fundo da sua obscuridade se levantou com um ramo de cipreste junto ao mausoleu da *Piedosa*¹

Em Coimbra, estudante como o sr. Quental, e poeta como elle como elle tambem consagrava os remanescentes de estudos serios ao culto devoto da grande arte. Despontou com a lyra clasica entre as mãos, a lyra de Ovidio e Tibullo, nacionalizada nas *Cartas de Echo* e na *Primavera*. A sua Musa amante e saudosa, ora seguia ao fresquissimo Gessner, seu irmão em Apollo, até ás deliciosas campinas do viver arcadico, ora dedilhava com o inimitavel Metastasio os lyrismos do amor e da paixão. Ao seu lado, crescia entanto e pompeava outra

¹ Alludo aos encomios com que o Padre José Agostinho saudou a aparição do *Epicedio na sentida morte da Augustissima Senhora D. Maria I Rainha Fidelissima*—com que em 1816 se estreou o autor dos *Quadrinhos historicos de Portugal* e do *Tributo portuguez*.

Muza: a Muza de Garrett, o portuguezissimo, o divino Garrett (como disse Camillo), Garrett, o creador do nosso theatro, o inoculador da seiba nova da nascente Europa no corpo estafado da litteratura nacional.

Amigas desde a puberdade, abraçaram-se as duas Muzas, comprehenderam-se a pleno, e repartiram irmãmente a missão invejanda de rejuvenescer os brios de um povo pela palavra e pela idêa.

O papel distribuido pela Providencia ao Visconde de Almeida Garrett foi, depois das suas primeiras tentativas classicas, o de instaurador; a Castilho, o de conciliador. Com Almeida Garrett nasceu o sentimento, a naturalidade, a graça, o arrojo; com Antonio de Castilho feneceu o elmanismo vicioso, nasceu a lingua, corrigiu-se o gosto, e levantou-se a Musa desgrenhada do romanticismo com a pujança e magestade da Erato classica. Estava preenchido o fim de ambos.

A transição correu suave; a Renascença litteraria soube casar-se com o velho classicismo, já agora eterno, apesar do sr. Quental. Acudiram ao rebate da boda sublime os bons engenhos; de toda a parte soam hymnos. A Liberdade, que arraiava a Europa, como uma aurora, e que a despeito de tudo veio illuminar tambem o throno austero do Senhor D. João III, rejuvenesceu o Parnaso, e restituui-lhe o verdadeiro sol; resgatou o metro do absolutismo das convenções mithologicas; chamou ás coisas pelos seus nomes; christianisou as Arcadias; consumou um progresso muito real.

Mas proscrever Horacio! isso nunca; porque Horacio é (para quem o entende) o *bom senso* e o *bom gosto*, que são eternos como a verdade, o bello, e o bom.

Genios ambos: Garrett, e Castilho: um, de criação e sentimento; o outro, de correção de forma, e colorido.

Veio juntar-se-lhes, muitos annos depois, um mancebo, em quem (devo dizer-lhe, porque em minha consciencia entendo que é a verdade) em quem transluziam desde os seus primeiros tentames, uns reflexos de immortalidade. Esse mancebo escreveu o *Eurico*, e, sem o saber, completou a trilogia.

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO, simbolisaram para logo a litteratura nacional.

Hoje, que a litteratura nacional deplora perdido o Visconde de Almeida Garrett, entendeu o sr. Quental, e entende muita gente, que o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por ter estabelecido e conservado o seu Tibur na provincia poetica, as-

pirava aos incensos de uma Realeza, em que nunca pensou; enganam-se, ou mentem.

O cantor de *Echo e Narciso* é o que foi sempre; é o que de si dizia outro grande espirito, investido por DEUS na Realeza terrestre: o Senhor D. Pedro: é o amigo dos que trabalham. O cantor de *Echo e Narciso* serve, desde que se entende, a religião do trabalho; deve ao trabalho a estima pública, e o exito litterario das suas obras; não herdou no berço aristocracias nobiliarias nem pecuniarias, mas herdou, já antigo entre os seus, o amor das letras e o amor do trabalho. Tem passado o melhor da vida a ajudar e basejar as Musas que despontam, a ensinar-lhes o caminho, a alinhar-lhes a lyra, a apontar-lhes a luz; que o diga a *Revista Universal*; que o diga a brilhante pleiade de homens de letras, que ao seu paternal conselho, aos seus incitamentos, deveram bom quinhão na gloria que os illustra; que o diga a ilha de S. Miguel; que o diga Coimbra; que o diga Lisboa; que o diga o Rio de Janeiro.

E a isto chama ironicamente o sr. Anthero do Quental ser Papa! ser autócrata! ser intolerante! Já é logomachia! onde está a intolerancia?

VII

— O sr. Antonio Feliciano de Castilho irado com a escola de Coimbra?

— Sim.

— Porque?

— Porque a escola de Coimbra lhe não prestou homenagem como a monarca absoluto.

— Engana-se, e injuria-se a escola de Coimbra, supondo-se menos cortez do que é em realidade; e quereis a prova? para não especificar mais nomes, citaremos apenas estes tres, que andam agora na faina da popularidade gracas ás insinuações pouco benevolas do autor da *Beatrice*: Vieira de Castro, Theophilo Braga, Anthero do Quental.

Vieira de Castro, como acima tive occasião de referir, é amigo do sr. Castilho, visitou-o pela primeira vez em 1858 na sua casa do beco do Norte, levando-lhe por essa occasião um precioso manuscrito para censura.

Theophilo Braga enviou ao cantor do *Amor e melancolia* um dos primeiros exemplares do seu primeiro livro, e obteve

em resposta uma carta amigavel e sincera, que (por signal) eu tive occasião de inserir num artigo que publiquei no *Diario Official do Imperio do Brazil*.

Luther do Quental finalmente, o proprio Luther teve a delicadeza extrema de vir expressamente de Coimbra a Lisboa em novembro ou dezembro de 1863 consultar o Mestre ácerca da edição de um livro que projectava, e cujo manuscrito (se me não engano) trazia consigo. Se a memoria lhe não falha, talvez se recorde de que foi isto num sabbado, de que foi cor-dealmente recebido num dos saraosinhos intimos de Tibur, abraçado como irmão, e tratado como poeta.

E a isto, e a estas provas de deferencia quer o sr. Quental chamar (segundo parece) *independencia irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho sem pedirem licença aos MESTRES! — litteratura desaforada que cuidou puder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grão-mestres officiaes! — impiedade de hereges que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e dos Pontifices!.....*

Já é abuso de figuras! á mais carinhosa corteza e deferencia acoimar de *irreverencia! de desaforo! de impiedade!!!*

Vê pois o sr. Quental que não houve da sua parte o que no excesso de um santo escrupulo quiz arrogar-se, nem portanto houve motivo algum para que o sr. Castilho se *despeitasse* contra a escola de Coimbra.

Segue-se um paragrapho cheio das taes incognitas envenenadas, que ninguem percebe. Applicar-se-hão porventura a meu Pae as phrazes: *o espirito de rotina violentamente incomodado por mãos rudes e inconvenientes? — a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias? a vulgaridade que cuida que a forcem?*

Se se applicam realmente ao cantor da *Noite do Castello* memoremol-as, e quem puder que as decore, que vale a pena; e saibam mais: que o sr. Quental diz no fim desse paragrapho que deseja *puchar as orelhas* (sic) ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. O commentario faça-o o meu leitor; eu não lh'o posso fazer com a penna.

VIII

Abreviemos. O tempo urge.

O sr. Quental faz na pagina 6 a profissão de fé litteraria

da sua escola; affirma que deveras quiz innovar, e no seu tom dogmatico declara que viu muito mais que os mestres, que sabe o que elles ignoram, que disse o que elles nem pensaram nem disseram nunca. O que resta saber é se deveras o que elle viu devia ser visto, o que elle sabe merecia saber, o que elle disse precisava ser dito. Não basta o novo; é indispensavel o bom, sempre o bom.

Um horaciano ramerraneiro chamado Rossini disse das concepções romanticas da nova Italia estas palavras, que são uma arte poetica: —ha nesta escola coisas boas e coisas novas; o que porém é bom nem sempre é novo; o que porém é novo nem sempre é bom.

Pensaria por ventura aquelle gigante na escola de Coimbra?

Um folhetinista distinco, e que é além disso um bom poeta, o sr. Pinheiro Chagas, tratava hontem no *Jornal do Commercio* esta questão a proposito do opusculo do sr. Luthero do Quental. Não quero repetir o que já tão bem ficou dito por aquelle chistoso critico; abstendo me pois de provar á chamada escola de Coimbra que não só não innovou, mas nem sequer podia innovar.

Se se chama *innovar* dizer o que nunca estava dito, quem ámanhã disser em verso ou em prosa que o ceo é verde, e os mares encarnados, que os olhos ouvem e os ouvidos veem, innovou *ipso facto*, e merece logar de socio correspondente da escola de Coimbra.

Diz o sr. Quental, fallando na *bella na immensa missão do escritor*:

«É um sacerocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras, e das palavras.

O sr. Quental chama se a si mesmo escritor a pag. 6 linha 35; logo, é um sacerdote da religião da arte, e não um reformador arrogante; um official publico religioso, e não um innovador sem respeito; um guarda incorruptivel das idéas, e não um subversor de idéas e crenças; um guarda incorruptivel dos sentimentos, e não um abastardador dos sentimentos; um guarda incorruptivel dos costumes, e não um entusiasta inconsciente que vem lá do seu ermo dar em plena cidade o mau exemplo; um guarda incorruptivel das obras, e das palavras, e não um mero zoilo que faz e diz o que provadamente é mau.

Ora como o sr. Anthero do Quental fez o contrario do que attribue ao verdadeiro escriptor que entende a sua *bella e imensa missão*, segue-se, que ou não é escriptor, e está em contradicção consigo mesmo quando aírás disse que o era, ou, se é escriptor, despresou a sua missão, e fez o mal sabendo que o fazia.

Toda a independencia de espirito—accrescenta elle—*Toda a despreocupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres*—(note-se bem: de mestres)—*de auctoridades, nunca será de mais.*

Pois isto é fallar serio? pois uma intelligencia como a de Anthero do Quental permitte-se alardear que toda a emancipação de mestres será pouca, para quem quer ser escriptor!! onde o arrastou a furia da amplificação!

Só se em Coimbra entram a sciencia e o gosto e a experientia, pelos poros da pelle, e quem menos estudar mais lucra! Que bella figura faria o sr. Quental no congresso de Liège.

Oiçamol-o:

O escriptor quer o espirito livre de preconceitos, e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e imerato.

Chama talvez *preconceitos e respeitos inuteis* a toda a longa disciplina litteraria amontoada de geração em geração desde os aedos até Homero, desde Homero até aos romanos, desde os romanos até nós!

Horacio é um pobre pedante cerebrino e semsabor; Quintiliano um pregador de *nugas*; Cicero um insulso fallador; Beccaria um absolutista do Parnaso; Maury um cardeal rabugento que nada sabia da arte de escrever e fallar. Pois será tudo isso assim como quer o meu habilissimo protestante das letras; mas o que é verdade é que outro Luthero, muito maior que o nosso Lutherosinho de Ccimbra, e que se chama Victor Hugo, o verdadeiro 89 litterario da França e do mundo, não desprecia nem Virgilio, nem Horacio, nem Homero, nem Pindaro, e os sabe de cór, e os imita; e que os seus Faunos são descendentes dos Silenos Arcadicos do Mantuano, e os seus bosques são os do monte Menalo e os do monte Parnaso, e as auras que elle ouve são muita vez as do mar Egeu, e os seus idyllios romanticos seriam invejados por Theocrito, e a sua singeleza por Anacreonte, e a sua paixão por Tibullo, e o seu colorido por Ovidio, e a sua eternidade pelo proprio cantor semi-deus do grande Enéas.

O Virgile, o mon maître!

As legislações demagogicas e subitaneas de Victor Hugo despresaram a partes os classicos; o bom senso nunca; derubaram as columnas de Hercules; as praias não as supprimiram, que o não podiam; despediram-se da arte poetica do estacionamento; porém o mestre não a insultou, porque era forte e digno.

Deu grandes novidades, elle que foi sempre *ledor de Horacio*¹; inventou formulas novas, elle que decorou *as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos*.²

Houve no seculo xvii um homem grave e douto, um amigo de reis e povos, um apostolo; chamava-se elle Bertholameu do Quental; antiga vergontea da grande arvore, cujo derradeiro fruto foi o nosso esperançoso Luthero.

Aquelle santo congregado teve o bom ou mau juizo de escrever livros, de estudar, e muito, de meditar os modelos antigos eternamente juvenis, de ser um latinista e um horaciano, de ser purista, e de não *innovar*, como quasi dois seculos depois um seu collateral descendente havia de fazer, nessa mesnia Coimbra que o velho pregador da Capella Real afamara por seu estudo e diligencia.

Não sei se o sr. Anthero do Quental conhece este claro ornamento da sua estirpe; é de crer que o escorrace da sua parentela litteraria, visto que só *repetiu o que outros haviam dito*, e não adivinhou a *Arte e Verdade*, nem as *Odes Modernas*.

Entretanto, permitta-me o esperançoso universitario que lhe diga, e não em meu nome, que esse pouco val, senão no de todos os bons cultores da lingua e da rasão, que Bertholameu do Quental bem mereceu da terra patria, por sua piedade e muitas letras, e merece ainda ser lido por quem quizer pensar em portuguez, e fallar em portuguez, não raros meritos para hoje em dia.

Ha semanas pois, estava-me eu acaso deliciando a folhear um volume das suas *Meditações das Domingas do anno*, suavissima leitura que toda é doçura e remanço para uma alma serena e sem prelengões a *innovadora*.

Deparou-se-me na Meditação ix, pag. 164 da edição de 1699, um trecho, que só por sua compostura classica e por-

¹ Carta — Pag. 10.

² Carta — Pag. 10.

tugueza me permitto citar aqui de passagem ao sr. Anthero do Quental, para que veja que entre os seus já houve quem fallasse chão ; ora oíça ; diz o seu douto avoengo isto assim:

«*Observaram as acções do Senhor, e observaram como fariseus, para as calumniarem ; e esta é a observancia dos que observam como fariseus as acções dos servos de DEUS para as calumniarem. Alerta, servos de DEUS ! que são muitos os que observam as vossas acções para as calumniar, como os fariseus para as calumniar observam as de Christo Senhor nosso.*»

Isto não é, como poderia pensar um meu visinho rabequista muito azafamado e muito esperto (na esperteza e no instrumento collega do sr. Quental) comparar de modo algum o sr. Anthero do Quental aos fariseos, porque os fariseus eram maus, e perderam a Christo, e o sr. Quental não é mau no intimo (que o sei eu), e não perdeu coisa nenhuma, nem perde ; nem (e ainda menos) é comparar os ditinhos da sua carta ás calumnias dos fariseus. Foi só um excerptosinho classico portuguez, seu parente, que eu me permitti, e como que de passagem, sotopor ao alto juizo do contendor dos *classicos*.

Lembre-se tambem o mesmo ornamento da Academia, que seu avô paterno o sr. André da Ponte do Quental (para não ir mais longe, ou não fallar em vivos) foi tambem homem de boas letras, amigo de um certo *traductor*, de um certo *imitador*, e de um certo *enfeitador de ninharias* que se chamaava Bocage ; que foi poeta como Bocage, e que tudo quanto escreveu me consta que se entende, e se entendia já ha sessenta annos.

Agora passemos adiante.

IX

Apontaremos a correr mais alguns trechos notaveis desta fecundissima segunda parte do escrito coimbrão.

Diz-se lá por exemplo que :

«*Nem aos mestres, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciência das turbas, do maior numero, deve (o escritor) pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças.*»

Quer isto dizer duas coisas :

1.^a—que o julgamento das maiorias é para coisas litterarias o peor julgamento.

2.º—que só de si, e não dos conselhos dos entendidos e experimentados, deve o principiante inspirar-se para progredir.

Da primeira sentença deduz-se naturalmente, que desde que ha mundo se tem andado erradissimo em acreditar na grande voz das reputações. Homero apontado illustre pela *maioria boçal* de todo o mundo, é talvez uma fama panica; deve consultar-se neste caso a minoria, entre as gerações que durando vinte e tres seculos o veneraram; a todo o mundo opponham-se um Zenodoto, um Aristophanes de Bysancio, um Zoilo, e mais alguns da eggregia companhia. Embora os crucifiquem, vel-os-beis raivando, *a enristar não a lança mas a lingua, que é a mais perfurante e contundente das armas conhecidas*, como lá disse, e tão acertadamente, Cainillo Castello Branco. Isto de reputações deve, segundo o sr. Quental, ser tomado na rasão inversa do numero dos admiradores; assim, Homero e Hugo, a quem o orbe todo aclama e adora, são dois cico-phantes e bandoleiros. Grande, deveras grande é..... é por exemplo o sr. Anthero do Quental, a quem só um pequeno numero de conhecidos e condiscípulos admira e louva.

Passemos á segunda sentença: nada de mestres, e os modelos cada um os tem em si proprio. Bella maxima! o sr. Anthero do Quental é a Minerva armada e adulta, brotando do cerebro de um deus; os outros porém não são assim; os maiores escritores e pensadores levaram annos e annos a pensar, a estudar, a imitar, a copiar; e como são a generalidade, de que o sr. Quental é apenas excepção, constituem elles a regra.

Tenho a gloria de poder dizer que já o autor do *Fausto*, pensava assim tambem, pois disse:

«*De si mesmo é o homem estulto e desgeitoso. Artista que alardeie não ter tido PROFESSOR, lá teve os grandes mestres antigos, com quem viveu e se formou. Recebeu lições desses taes, e dos predecessores, e até da contemplação da natureza. Se acaso teve em partilha um bom talento, foi a natureza, e foi a arte quem lh' o affiseram..... Ninguem pode dizer que tudo o que é a si proprio o deve; isso só ousará dizer um artista louco e máo, mas nunca um bom artista.*»

O que a pagina 9 segundo § se diz dos escriptores *puros, limpos, e innocentes* merece deveres relido, porque, além do elegante e lyrico da phrase, contem um quadro. Remettemos a esse logar da carta o leitor curioso. A esses taes chama o sr. Luthero do Quental *poetas*, porque *ensinam o bem, e porque são ORIGINAES*.

(*Originaes*, isso são de certo, ninguem lh'o nega ; e até muito originaes.)

E porque são tão poeticos como os seus poemas.

(Tambem ninguem lhe nega essa qualidade ; estamos de accordo.)

Os outros..... (oícam, oícam ; o meu vizinho *rabequista*, a quem ácerca do sentido deste paragrapo que principia *Os outros* consultei esta manhã, porque estava de bom humor, disse-me que sem questão nenhuma se referia ao sr. Antonio Feliciano de Castilho ; eu dou-a pelo custo ; ora oícam, que vale a pena ; é o cantor de *Echo e Narciso* tal e qual ; quem o não reconhecerá !)

Os outros — diz Luther — *adoram a PALAVRA, que illude o vulgo, e despresam a IDÉA, que custa muito e nada luz. São apostolos do diccionario, e teem por evangelho um tratado de metrificação. Fazem da poesia o instrumento das suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas praticam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrever da grandeza humana, porque são uns sophismas, que nos mostram a pequenez e a má fé, aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar ; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dito ha mil annos, e fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé, para parecerem alguma coisa. São os ídolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São emfim genios no Brazil, como V. E.*

Sim, são *genios*, estes homens vulgares e banaes que se chamam Antonio Feliciano de Castilho ; o modo como auxiliaram e presidiram á revolução litteraria o prova de sobejo a quem não é myope.

É um homem bom — (sirvamo-nos outra vez aqui de palavras de um dos maiores genios allemães, Gœthe, que por ser *allemão*, e *genio*, dobrado parentesco tem com o philosopho de Coimbra). — *É um homem bom, e é por isso mesmo que elle é GRANDE ; porque se a um homem bom coube além da bondade o talento, é certo que ha de sempre desvelar-se a bem do mundo, quer seja artista, ou naturalista, ou poeta, ou o que fôr.*

As suas insinuações alleivasas, sr. Anthero do Quental, não demudam as opiniões correntes, de annos e annos, em todo o mercado das intelligencias, que falla portuguez. Refiro-me a *este ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal*, e a esse outro nascente Imperio nosso irmão, onde pulsa o nosso sangue.

Lá, lá, mesmo, a duas mil leguas da nossa metropole, ha um Imperio florescente, onde homens amigos se não correm de acclamar de longe, sem rebuço e sem invejas, este cego estrangeiro, que de tão longe os allumia.

O Homem Eminente, a quem a PROVIDENCIA dispartiu o Throno brasileiro, e que pela sua altissima posição e sagrado caracter, está fóra e acima de toda a nossa discussão, não se dedigna de honrar com a sua alta amisade e estima a este *enfeitador de nenharias luzentes*.

Seu Augusto Genro o Conde de Eu tributou inequivocas provas de affecto ao poeta portuguez.

Os primeiros pensadores do Brazil, os grandes do Brazil, o tratam como irmão.

Os poetas do Brazil o cantam e festejam.

Os leitores do Brazil exhaurem, umas apoz outras, as edições das obras d'este *apostolo do diccionario*, que tem por unico *evangelho um Tratado de Metrificação*.

E todos, em Portugal, e no Brazil, e o grande Garrett, e o cardeal Saraiva, e José Estevão, e Innocencio da Silva, e Thomaz Ribeiro, e João de Lemos, e o Visconde de Gouvêa, e Silva Tullio, e Silvestre Pinheiro, e Camillo Castello Branco, e Philippe do Quental, e Casal Ribeiro, e o Duque de Palmella D. Pedro, e Rodrigues de Bastos, e Vicente Pedro Nolasco, e Antonio de Cabedo, e D. Antonio da Costa, e Zacharias de Araujo, e o Conde de Avila, e Andrade Corvo, e o Padre Fernandes Leitão de Gouvêa, e Jorge de Figanière, e o Conde da Carreira, e Latino Coelho, e Rodrigues Sampaio, e Pinheiro Chagas, e Lopes de Mendonça, e Soares de Passos, e o Barão da Ribeira de Sabrosa, e Adrião Forjaz, e Celestino Soares, e o Visconde de Villar Maior, e a Marqueza de Alorna, e José Maria da Silva Leal, e Emilio Monteverde, e Osorio de Vasconcellos, e Rodrigo Paganino, e Thomaz de Carvalho, e Barros Corte-Real, e Augusto Lima, e Ernesto Biester, e Jacintho de Freitas Oliveira, e Ricardo Guimarães, e Cunha Bellem, e Ayres de Gouvêa, e Corrêa Leal, e Dias de Oliveira, e Gomes de Amorim, e o Visconde de Villari-

nho de S. Romão, e Francisco Evaristo Leoni, e Manuel de Mello Guimarães, e Couto Monteiro, e Estacio da Veiga, e Rodrigues de Gusmão, e Augusto de Sousa Lobo, e Antonio Ciro Pinto Osorio, e Sousa Telles, e Midosi, e Camara Leal, e Eugenio de Barros Ribeiro, e Santos Valente, e Jacintho da Silva Mengo, e Francisco de Freitas Gamboa, e Manuel Maria Portella, e Antonio Moniz Barreto Corte-Real, e Andrade Ferreira, e Antonio Gil, e Assiz Rodrigues, e Cunha Rivara, e Bernardino Pinheiro, e Cabral Couceiro, e Francisco Palha, e Filgueiras Sobrinho, e José de Sousa Bandeira, e Martins Bastos, e Monteiro Teixeira, e José Horta, e Lemos e Napolis, e Luiz Philippe Leite, e Pedro Diniz, e Manuel Roussado, e Claudio Nunes, e Borges de Figueiredo, e Costa Cascaes, e José do Canto, e Bernardino Gomes, e Pinto de Almeida, e Pinheiro Caldas, e Leão Cabreira, e Franzini, e Teixeira de Vasconcellos, e Rebello da Silva, e João de Aboim, e Francisco Bordallo, e Faustino de Novaes, e Julio Machado, e Lima Leitão, e D. Pedro da Costa, e o Marquez de Abrantes, e o Barão da Foscoa, e Rodrigues Cordeiro, e José Pinto Rebello de Carvalho, e José Frederico Pereira Marecos, e Barreto Feio, e André Joaquim Ramalho, e João Vicente Pimentel Maldonado, e Felix de Avellar Brotero, e Trigoso de Aragão Morato, e Antonio Ribeiro dos Santos, e Passos Manuel, e Ribeiro Saraiva, e Mendes Leal, e Silveira Malhão, e Vieira de Castro, e Silveira Lopes, e Manuel Ferreira Portella, e Antonio Pereira Zagallo, e João Alexandrino de Sousa Queiroga, e Padre José Vicente Gomes de Moura, e Manuel Sanches Goulão, e Vicente Ferrer Netto de Paiva, e Jorge Guilherme Lobato Pires, e João Vicente Martins, e Manuel Borges Carneiro, e José Gomes Monteiro, e José Victorino Barreto Feyo, e Julio Caldas Aulete, e Luiz Palmeirim, e Augusto Palmeirim, e o Padre José Ignacio Roquete, e o Conde de Sabugal, e o Conde da Taipa, e o Visconde de Monção, e o Conde de Mello, e Bordalo Pinheiro, e João Evangelista Pereira da Costa, e Manuel Innotencio, e Sendim, e Francisco Sotero dos Reis, e Pedro Alexandre Cavroe, e Manuel José Barjona, e José Agostinho de Macedo, e Miguel Osorio Cabral, e Philippe Ferreira de Araujo e Castro, e Manuel de Serpa Machado, e Lourenço José Moniz, e Francisco Benevides, e Ignacio Silveira da Motta, e Rodrigo de Moraes Soares, e Barboza Leão, e Figueiredo Maio e Lima, e Senna Fernandes, e Jeronymo de Figueiredo, e Albino de Figueiredo, e Antonio Joaquim de

Figueiredo, e o Visconde da Lagoaca, e o Conde de Samodães, e Antonio de Lacerda, e D. José de Lacerda, e D. Luiz da Camara, e Claudio de Chaby, e André Antonio Avellino, e Lopes de Lima, e José Theotonio Canuto de Forjó, e José Nicoláu de Massuellos Pinto, e Manuel Pedro de Mello, e Oliveira Vaz, e Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, e Macedo Araujo Junior, e Belchior Curvo Semmedo, e João Felix Pereira, e Antonio José de Figueiredo, e Carlos José Pinheiro, e Sebastião Corvo, e Francisco Martins de Andrade, e Domingos Bomtempo, e Frey José da Sacra Familia, e Pedro Augusto Martins da Rocha, e José Pinto Rebello de Carvalho e Souto, e Duarte de Sá, e João Nepomuceno de Seixas, e Xavier da Cunha, e Lopes de Vasconcellos, e Vieira de Sá, e o Marquez de Vallada, e Joaquim Ignacio de Freitas, e José Joaquim Serra, e Fradesso da Silveira, e José Jacintho Tavares, e o Prior de Arganil, e José Carlos Rodrigues Sette, e Amaral Frasão, e Araujo Zuzarte, e Ernesto Cibrão, e Fernando Castico, e Jayme Moniz, e Sebastião Botelho, e Fontes Pereira de Mello, e José Maria Grande, e Antonio José Viale, e Philippe Folque, e o Morgado de Assentiz, e D. Gastão da Camara, e Antonio de Serpa, e Bulhão Pato, e Pereira da Cunha, e Rodrigo da Fonseca, e o Duque de Saldanha, e Costa e Silva, e o Visconde de Seabra, e João de Deus, e José Pereira Botelho, e Anselmo José Braamcamp, e Diogo de Goes Lara de Andrade, e Firmino Pereira Marecos, e José Maria de Abreu, e Adriano Cardoso d'Abreu Machado, e Alexandre Herculano; e Adolpho de Varenhagen, e Gonçalves Dias, e o Marquez de Rezende, e o Visconde da Pedra Branca, e Monte Alverne, e Porto Alegre, e José Eloy Oltoni, e Rangel de Torres Bandeira, e Thomaz Alves, e Bruno Seabra, e Pedro Luiz Pereira de Sousa, e F. A. Brandão, e Bettencourt e Silva, e Joaquim José Teixeira, e Fortunato Penido, e o Marquez de Olinda, e Pedreira, e o Barão de Itamaracá, e Menezes Doria, e o Talma brazileiro João Caetano, e Paes de Andrade, e Machado de Assiz, e Alvares de Azevedo, e Mello Moraes, e Pereira da Silva, e Pinto de Campos, e Nogueira da Gama, e D. José de Assis Mascarenhas, e quantos mais; e os portuguezes de Ponta Delgada, e os portuguezes de Leiria, e os portuguezes de Coimbra, e os portuguezes do Porto, e os portuguezes em Porto-Alegre no Brazil, e os portuguezes do Rio Grande, e as sociedades portuguezas, brazileiras, francezas, romanas, e os Institutos e as

Academias (sem fallar nos nossos Augustos monarchas, desde o Senhor D. João VI até ao Senhor D. Luiz, em quem a alteza e magestade do Throno me veda fitar os olhos) e todos, repito, e lá ao longe Edgard Quinet, Ferdinand Denis, Pauline Flaugergues, Jacques Arago, Antonio Briccolani, Antonio Bindocci, Lope de la Vega, Martines de la Rosa, Eugene de Monglave, Hyppolite Genton, e os diccionaristas e criticos da França e da Hespanha, e Achille Milliens, e Caetano Frascarelli, e Carlo Mattei, e Leon de la Vega, e D. Eusebio Asquerino, e Dona Rogelia Leon, e D. Thomaz Gomes, e Madame Amable Tastu, e Mellin, o chamado Walter Scott da Suecia, e Luciano Bonaparte, e Veggesi Ruscala, e Adriano Balbi, e Galleano Ravara, e Alcalá Galliano, e Don Ramon de Campoamor, e Louis Sauvages, e José Ilsley, e Hermano Roeder, e Krause, e Cesare Perini di Lucca, e Monsenhor Stefano Brutti, e o General Liberato Brutti, e D. Luiz Breton y Vedra, e D. Manuel de Mendoza, e o proprio Mestre de todos, Victor Hugo, são um bando de ineptos e boçaes, porque abraçam ou abraçaram o poeta portuguez, acclamam o seu *genio*, e o saudaram ou saudam como irmão.

A rasão, a justica, a luz, e a sensatez, residem desde todo o principio no sr. Luthero do Quental, a quem só um pequeno numero de condiscípulos exalta e louva (*pequeno numero*, repito em abono á intelligencia da maioria da Universidade, que repelle já de muito a invasão destes hunos do bom senso)

Pois apesar do sr. Luthero, houve entre os do seu sangue uma bella alma, que se não correu de dedicar ao sr. Castilho estas duas estrofes, que por motivos de bem entendida ufania e eterno agradecimento memoramos neste logar :

TUA MAGICA LYRA ENCANTA E PRENDE,
AOS QUE TE OUVEM PULSAL-A, INCLITO VATE ;
VÊS CHORAR, SE ELLA GEME ; E QUANDO CANTA,
AS ALMAS ARREBATA.

ÉS, CASTILHO, MAIOR QUE CEM MONARCHAS ;
MAIS QUE MIL SCEPTROS VALE A TUA LIRA ;
ÉS MONARCHA QUE REGE ENTENDIMENTOS,
E CORAÇÕES CAPTIVA. ¹

¹ Estes versos foram dirigidos a meu Pae em Ponta Delgada, a 29 de novembro de 1848 pelo exm.^o sr. Doutor Philippe do Quental, Tio paterno do sr. Anthero do Quental.

Tambem annos antes, um grande poeta, enderecando a Castilho um grande livro, a *Harpa do Crente*, lhe esculpia no frontispicio :

ALMA AFINADA PELAS HARPAS DE ANJOS,
REI DAS CANÇÕES, ENTENDERÁS MEU HYMNO.

X

Arranquemo-nos a este enfadonho repizar verdades: passemos á terceira parte do opusculo. Principia, segundo me parece, no terceiro paragrapho de pagina 10.

Ahi, num periodo deveras brilhante e energico, debuxa o autor em poucos traços o maravilhoso quadro da era moderna, desta era, que (no dizer eloquente do sr. Quental) é de transformação dolorosa, de scepticismo, de abatimento moral, e de descrença.

Vive DEUS que assim o confessa elle proprio! vive DEUS!

Segue-se um paragrapho, cheio dos laes espinhos occultos. Isto não é lealdade, sr. Quental; desnude a espada, e não apunhale pelas costas. Alludirão por exemplo a meu *Pae as sinecuras opulentas?* *os corrílhos do ellogio mutuo?* *o choque das maledicencias?* *o casamento das vaidades?* *as cadeiras almofadadas?* *as rendosas conezas litterarias?* *as prebendas?* *as expl-rações?*

Preciso saber-o; entende? preciso saber-o. Isto é peremptorio, e muito serio; a resposta deve ser igualmente peremptoria, e igualmente séria.

No entanto, transcrevamos textualmente o sublime trecho, que é, por assim dizer, a coroa do livrinho: a analyse miúda que ás obras do sr. Castilho fez o sr. Quental:

«*Não é*—afirma elle—*traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma* (*alludo ás traducções de Ovidio e Anacreonte*); *requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos sem sabores* (*alludo ás Cartas de Echo e Narciso*); *não é com idyllios grotescos, sem expressão nem originalidade* (*alludo á Primavera*); *com allusões mythologicas que faziam bocejar nossos avós*¹; *com phrases e senti-*

¹ Não eram de certo o sr. André da Ponte do Quental da Camara, nem o sr. Bartholomeu do Quental.

mentos posticos de academico e rhetorico (alludo ao Tributo portuguez na morte de D. Pedro v); com visualidades infantis e puerilidades vãs (alludo aos tratados de *Metrificação* e *Mnemonica*); com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados (alludo a todas as obras em prosa); com banalidades (alludo a todas as obras juntas, prosa e verso) (!); não é sobretudo lisonjeando o mao gosto e as pessimas idéas das maiorias, indo atraz dellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão-de produzir as idéas, as sciencias, as crenças, os sentimentos, de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar, como uma fogueira a que a lenha vai faltando.

O que vai faltando é a paciencia, sr. Anthero do Quental.

Não é fazendo isso tudo! então como é? como é que se produzem as idéas, as sciencias, as crenças, os sentimentos? é escrevendo a *Beatrice*? é escrevendo as *Odes Modernas*? é escrevendo *Arte e Verdade*? é escrevendo o prologo aos *Cantos da Solidão*, livro alias muito formoso, do sr. Manuel Ferreira Portella?

Mas basta. Eu não sou critico de profissão. O sr. Anthero do Quental deu-se ao trabalho de analysar, segundo o seu juizo, as obras de meu Pae; mas eu é que me não dou ao praser de analysar as suas.

Alguem se vai encarregar dessa missão de demolidor.

«Quem pensa e sabe hoje na Europa — torna o sr. Lutero — não é Portugal, não é Lisboa; é Pariz, é Londres, é Berlim.

(Pôde accrescentar-se: — é a casa do sr. Quental em Coimbra.)

«Não é a nossa divertida Academia das sciencias, que resolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idéas. É o Instituto de França, é a Academia scientifica de Berlim, são as escolas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Alemanha. (Accrescente-se: é Anthero do Quental.)

O que se segue, ficou pulverisado pelo sr. Pinheiro Chagas, quando perguntou:

«INNOVAM o quê? inventam o quê? a philosophia de Hegel? os systemas historicos de Vico? a simbolica pagã de Creuzer?

o esclarecimento da historia pelo estudo da jurisprudencia de Savigny? a critica de Schlegel, de Raynouard, de Villemain, de Michelet, de Quinet, de Tayne? Mas isso tudo já lá fóra desceu das misteriosas alturas do saber de poucos, para a erudição comesinha dos Diccionarios de Conversação. Aplicaram ao menos ao estudo das coisas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros, pharoes que projectam a sua immensa luz nos mares tenebrosos do passado? Não: nem isso, a menos que os artigos do sr. Theophilo Braga, que não dão um passo para além dos prologos de Garrett, não sejam considerados como equivalentes aos trabathos dos eruditos franceses e allemaes! E porque não ha-de ser assim?

Passaria de leve pelo resto, se não encontrasse entre as palavras do final do terceiro paragrapho de pagina 12 uma pontinha envenenada, que é mister cortar: é uma ironia, com que o autor da carta tem a desfachatez de fallar no *novo metodo repentista*.

Isto o sr. Quental! isto uma intelligencia muito clara e muito alta! isto um homem que viu em S. Miguel os milagres da regeneração escolar! isto um sobrinho de um dos mais estrenuos defensores do metodo portuguez! isto um membro da geração nova! isto um escritor que trabalha para ser lido, e a quem só hade ler quem souber ler! isto em 1865! Negar factos, nem S. Thomé.

Saiba porém o sr. Quental que essa ironia, com que pretende verberar o *inepto* que abriu as portas da luz a todo um povo, não chegou ao seu destino; se fosse raio, estalava-lhe entre as mãos, e desfazia esse Jupiter Tonante de comedia; como nem raio era, não estalou.

Uma ironia! o sr. Anthero do Quental! uma ironia!

Replica elle:

«*O metrificador das cartas de Echo diz ao pensador da Phylosophia da natureza:— «Tira-te do meu sol.» O mythologo do diccionario da fabula diz ao profundo descobridor da Simbolica:— «És um ignorante.» — A rhetorica portugueza diz á sciencia, ao espirito moderno:— Cala-te d'ahi, papelão.*»

Em tudo se engana redonda e vergonhosamente o sr. Quental, ou finge enganar-se, que é muito mais vergonhoso ainda.

«*O metrificador das cartas de Echo e Narciso não diz— «Tira-te» — ao pensador da philosophia da natureza; mas o*»

metrificador das cartas de Echo e Narciso pôde dizer:— «Vai-te» — ao pensador das *Odes Modernas*.

O *mithologo do diccionario da fabula* não disse nunca ao *descobridor da Simbolica* — «És um ignorante» —; mas esse mesmo *mithologo* pôde dizer isso mesmo ao autor da *Arte e Verdade*.

A *rhetorica portugueza* não diz á sciencia — «Cala-te» —, nem insulta o espirito moderno chamando-lhe *papelão* (como quer o sr. Quental); mas pôde mandar calar (ao menos em Tibur) o inimigo da *rhetorica portugueza*, do *bom senso*, e do *bom gosto*, o falseador do espirito moderno, que do seu an-tro envia ao mundo moeda falsa no peso e no cunho, e quer não obstante um logar junto aos grandes *innovadores* e *re-volucionadores* da sociedade.

A *philosophia verdadeira*, sã, e *humanitaria*, não é odiada nem desconheida pelo *philosopho* inventor do *Methodo portuguez*; mas os entenebrecedores por officio, esses sim.

O autor do *Camões* não se ficou a sonhar com os quinhentistas, nem com os *frades estonteados*; a sua *mystica* lá delle, e o seu milagredo é a regeneração da instrucción primaria. Acompanhou desde 1820 o espirito moderno, ajudou-o de 1828 até 1834, depois cantou-o sempre, e anticipou-o muita vez. Vive todo com o coração no passado *bello*, mas com a mente no futuro *bom*, no futuro ideal que só os grandes poetas, como elle, vaticinam, e que vai desde que ha mundo atraindo a pouco e pouco a humanidade, do conhecido para o desconhecido, do finito para o infinito, do exilio para **DEUS**!

XI

Quarta parte: O IDEAL. Principia, quanto a mim, no 5.º § da pagina 42.

Já o sr. Pinheiro Chagas, com a proficiencia que todos lhe conhecem, tocou este ponto, dos mais espinhosos, da verrina de Lulhero.

Disse Lulhero:

«É que tudo isto não passa de *idéas*. Ora ha uma coisa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não deixa em paz, que nos prometteu destruir... é a *metaphysica*... é o *ideal*! O *ideal*! palavra *mystica*; de *gothica configuração*; quasi *im-palpavel*; *espiritualista*; *impopular*; que o artigo de fundo re-

pelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim, e que enche o maior poema; immensa aos olhos dos que vêem com os olhos fechados, e que nunca viram os que os trasem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas; grotesca num botequim; disforme numa sala; medonha numa assembléa de litteratos horacianos... decididamente V. E. devia odiar esta desgraçada palavra!»

Respondeu Pinbeiro Chagas, que, segundo parece, é, pelo menos, Cardeal sub-diacono da curia de Leão x:

«A maxima virtude dessa escola que excita as nossas iras, é a sua adoração pelo ideal, o sacerdocio augusto que esses poetas exercem. Isso sim; isso é que nós não percebemos; por isso é que os apedrejamos.

Mas, senhores! o que é o IDEAL para o poeta? pergunto eu.

IDEAL não são as rimas nem as phrases. IDEAL é a humanidade nova; a humanidade que o poeta concebeu e procreou com o pensamento, e que lhe responde de todo o ponto a uma *idéa*, a um *typo*¹; não é assim?

IDEAL é a nação de amanhã, que pela sua palavra e pela sua muzica, o poeta affeiçoa, educa, e levanta.²

IDEAL são as crenças e os brios de nossos avós, que pelo metro, ou nos marmores de Paros onde se esculpe a história legendaria das nações, o poeta ressuscita no coração dos seus contemporaneos, no coração de seus netos, no coração dos netos de seus netos.³

IDEAL é o aquecimento da altivez nacional, o rejuvenescimento de uma lingua que não é castelhana, e (se DEUS nos ouvir) nunca o será.⁴

IDEAL para o poeta verdadeiro sacerdote do bom gosto é

¹ Alludo ás *Cartas sobre as escolas populares*, á *Carta a El Rei D. Luiz*, ás *Cartas a El Rei D. Pedro* e á *Senhora D. Maria II*, e ao *Senhor D. Pedro II do Brazil*, etc.

² Alludo á segunda *Epistola* á Senhora D. Thereza Imperatriz do Brazil, ao *Monologo* de Emilia das Neves, á *Dedicatoria* da Adriana Lecouvreur, ao popularissimo *Hymno do trabalho*, etc.

³ Alludo á *Chacara de Santa Iria*, á *Chacara de D. Auzenda*, á *Chacara da Tomada de Coimbra*, á *Chacara de Inez de Castro*, á *Chacara da Mulher marinha*, a todas as chacaras, aos *Quadros historicos de Portugal*, ao drama *Camões* etc.

⁴ Alludo a todas as obras em prosa, e a todas as obras em verso.

a sotoposição aos olhos do povo, e a vulgarisação dos modelos artísticos eternamente juvenis da estatuaria eloquente da Grecia e Roma.¹

IDEAL é a Liberdade augusta, que o poeta sustenta e afer-
vora com a sua palavra de fogo, mesmo sob o açoite ferreo
de Calígula.²

IDEAL é a concitação omnipotente aos sentimentos fortes,
o apello purificador ás grandes dores da alma, aos grandes
abalos moraes que todo o mundo entende.³

IDEAL são para o poeta as lagrimas que vertem os cora-
ções de bem, lagrimas suaves, que lhes são balsamo, ensino,
consolação.⁴

IDEAL é a civilisação suave de todo um povo, por quem
o poeta se desvela, e enterra a lyra dos seus verdes annos.⁵

IDEAL é numa palavra um povo inteiro a ler, a cantar,
a amar, a progredir, a comungar na meza do progresso; il-
ustrado, valente, religioso.⁶

Isto é que é o IDEAL deste poeta peninsular de coração,
grego e romano de fórmā; deste poeta a quem o sr. Quental
ousou consporcar com a sua baba venenosa. *Tu quoque, Brute?*

IDEAL não são as *ninharias luzentas*; IDEAL é a idéa
maxima que a ellas preside, as doira, e as sublima.

IDEAL é isto. Acha pouco? leia as obras deste cego vi-
dente, aquilate-as se souber, entenda-as se poder, e diga-me

¹ Alludo ás versões de Ovidio, Virgilio, Moschο, Sapho, Bion, Anacreonte, etc. e aos poemas originaes a *Primavera*, as *Cartas de Echo*, a *Invenção dos jardins* etc.

² Alludo aos *versos liberaes*, á *Meditação*, ao *Sacrificio a Camões*, aos *sonetos liberaes*, á *Epistola ao Senhor D. Miguel de Bragança*, á *Epis-
tola ao povo nas eleições de 1834*, á *Cantata de 1821*, á *ode na morte de
Gomes Freire e seus socios em 1847*, etc.

³ Alludo aos *Ciumes do bardo*, á *noite do Castello*, ao *Campanario de Farum*, ao *Presbyterio da Montanha*, ao poema de *Santa Maria Egyp-
ciaca*, etc.

⁴ Alludo ao *Cemiterio campestre*, á *Chave do enigma*, ao *Epicedio á
Senhora D. Maria I*, ao *Tributo portuguez á morte do Libertador*, ao
Tributo no transito do Senhor D. Pedro V, á *Primavera no mar*, ao *Amor e Melancolia*, e ao *Natal do póbresinho*.

⁵ Alludo á *Felicidade pela Agricultura*, á *Felicidade pela Instrucção*,
á *Noções rudimentaes para uso das escolas*, ao *Tratado de Metrifica-
ção*, ao *Tratado de Poetica*, ao *Tratado de Mnemonica*, ás *Estreias poe-
tico-muzicaes*, ao *Curso de lingua latina*.

⁶ Alludo ao *Methodo portuguez*, e á *livraria de ineditos* por elle sus-
citatedos.

depois se em sua consciencia entende que este *metrificador* tem de viver nos seculos, ou se ha-de morrer em vida, como morreram as obras de tantos outros!

Empraso-o a que responda.

As honrarias a que allude no fim do § quarto de pagina 13 forjou as o sr. Quental; nem admira: quem forja tanta falsidade, não é muito que fabrique alguns oiropeis. As *commendas*, os *factos*, as *realidades*, as *decorações*, e as *academias*, cifram-se no logar de Vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica, e no grão de simples Cavalleiro da Torre e Espada, a occultas sollicitado, por signal, pelo Visconde de Almeida Garrett para os seus dois amigos Herculano e Castilho, e delicadamente entregue aos agraciados num jantar em casa do cantor da D. Branca, onde compareceu além dos tres o sr. Corrêa Leal, tambem por essa occasião agraciado com a Conceição de Villa Viçosa.

Nem a carta de conselho, com que toda a gente o condecora, nem a grã-cruz litteraria que lhe não coube, nem fôro nenhum, nem attributo com que se confunda com a plebe dos condecorados. Esse favor deve elle aos distribuidores de mercês no seu paiz.

Aconselho portanto ao sr. Quental a que não falle do que não sabe ou finge não saber.

Dizia o sempre memoravel Padre Antonio Vieira estas palavras, que, por de todo moldadas no espírito moderno, e talvez até no caso particular e pessoal onde o sr. Quental houve por bem trazer-nos, julgamos bem cabidas neste logar; eil-as, se comludo o citar ao sr. Quental um *classico bolorrento* não é sacrilegio ou impertinencia:

«Se servisles a patria, que vos foi ingrata, vós fizestes o «que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para «um coração honrado que ter feito o que devia? Quando si- «zesles o que devies, então vos pagastes....

«Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, «que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a «Roma, viam as estatutas daquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatuta de «todas. Aos outros poz-lhes a estatuta o senado; a Catão o «mundo.

«Deixaes perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não vêr «premiado. Essa pergunta, e essa admiração, é o maior e o «melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não

«vôl-o pôde tirar a inveja; o que vos deu a fama, não vôl o
«pôde tirar a ingratidão. Deixaes os ser ingratos, para que
«vós sejaes mais glorioso.

«Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão
«fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como
«haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradoceimen-
«to, dae-lhe graças.

«Mas quando as mercês não são prova de ser homem, se-
«não de ter homem, e quando não significam valor senão
«valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com
«juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não hon-
«ram os homens, affrontam as honras. E assim é. As com-
«mendas em similantes peitos não são cruz são aspa; e
«quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos
«podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora
«exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude.»

O final da carta de Luthero é de tal jaez, que o tocar-lhe
seria blasphemia ao deus do ridiculo. Julga este anãosinho
das sebentas, que, para discutir um homem ou uma idéa, é
preciso ignorar a civilidade. Engana-se porém.

Ser amigo de Shakespeare e Hugo não veda ser-se tambem
admirador e amigo de um varão como Antonio José Viale.

O sr. Conselheiro Viale é um homem de bem, e sabe, e ma-
nuseia, e estima, (talvez como ninguem em Portugal) as lit-
teraturas classicas, que o sr. Quental odeia tão deveras. Res-
peito o sabio autor do admiravel *Bosquejo*, como antigo ami-
go de meu Pae; venero-o, como meu mestre, e verdadeiro
mestre, consciencioso e incançavel, da geração nova. Nisso
me usano de seguir a opinião do proprio autor da *carta*, que
affirma que o sr. Viale falla latim como *Bavio* e *Mevio*. Que
maior elogio quereis? *Bavio* e *Mevio* eram dois criticos tão
injustos e acres como o sr. Luthero; isso é verdade; mas te-
nho para mim que fallavam e escreviam o aureo latim do se-
culo de Augusto. O que pois se quiz erradamente interpretar
aqui em alguns gremios de Lisboa como motejo e ironia ao
abalizado professor do Curso Superior de Lettras, era nada
menos do que a sua canonisação em bocca tão competente
como a do vate de Coimbra. Ao menos, acertou desta vez.

Eu por mim, se no decurso deste longo arrasoado muita
vez me excedi, peço perdão ao publico; ao sr. Quental, não
vejo por que o peça. A quem discutir de boa fé e cortezmen-
te, nunca serei eu que o provoque. O provocar é bom para

estes espadachins, que não teem nada que fazer, mas aspiram a immortalizar-se deitando fogo aos templos e ás livrarias.

XII

Vamos concluir, permittindo-nos revelar ao leitor uma observação nossa, e levantar uma pontinha do véo.

Escusa o sr. Anthero do Quental de aventar para esta sua guerra pretextos qual a qual mais frívolo ; o sr. Quental veiu à liga, clamando a um lado e outro : *vingança ! vingança !* porque estava certo de que o proprio gigante, que elle ostensivamente desafiava, lhe não responderia.

No fim da sua carta ao honrado editor o sr. Antonio Maria Pereira, impressa com o *Poema da Mocidade*, escreveu a vítima do sr. Luthero :

— «*Queira V. S.^a dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela imprensa, que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia, expendi-o. Lá brigar, não brigo, que tenho mais que fazer.*

E logo Achilles entrou na tenda. Assim que o souberam a pendurar a espada, e a depôr o elmo, eis saltam de tropel os insurgentes, e o insultam pelas costas ; deixal-os insultar. Achilles não torna.

Dominis absentibus, id ita fit. Recorda-se o sr. Anthero do Quental por ventura desta sentença ?

Console-se o sr. Quental. O seu livro fez muita bulha em Lisboa ; durando dez dias o seu nome correu de bocca em bocca, e a sua fama igualou a dos mais favorecidos. Apezar do silencio de toda a imprensa de Lisboa, a quem do fundo da alma e com todas as veras agradecço a benevolencia com que tratou o nome de meu Pae, o livrinho vendeu-se, e era isso o essencial.

Como filho do grande homem, agradeço ao sr. Anthero do Quental a sua carta. O sr. Anthero do Quental viu uma grande gloria portugueza, e disse consigo :

— «É um grande talento, mas falta-lhe a consagração da posteridade, que os zoilos como quer que seja anticipam aos vultos eminentes ; serei eu o zoilo de Castilho.»

O empenho era louvável ; a intenção caridosa.

Escusava porém o sr. Quental de incommodar-se ; já o ti-

nham precedido no glorioso commettimento muitos mestres primarios, muitos calumniadores encobertos, muita vez o *Asmodeu* e os seus pares, em S. Miguel o infeliz que teve a honra de motivar o *Ou eu ou elles*, e em Lisboa o idiota que teve a honra de provocar a *Tosquia de um camelo*.

O sr. Antero do Quental, menos venturoso, nada provoco senão o riso.

Lisboa—Travessa do Pé de Ferro n.º 13 (ás Trinas)
23 de Novembro de 1865.

JULIO DE CASTILHO.

P. S.

Parabens ao sr. Quental! O sr. Antonio Feliciano de Castilho ouviu fallar do opusculo, graças a uma alma caritativa que lhe foi levar a novidade. Leram-lhe o bello folhetim do sr. Pinheiro Chagas, e a engracadissima, e (sob apparencias frivolas) judicosa carta do sr. Manuel Roussado, ambos muito amigos do poeta e seus leaes admiradores. Quando lhe quizeram ler tambem o *Bom senso e bom gosto*, respondeu o cantor de Echo e Narciso:

— «Obrigado; isso, não. Lá eloquencia por eloquencia, antes a oração de Cicero contra Vatinio, ou os discursos de Demosthenes contra Philippe de Macedonia. Isso não; obrigado.»

24 de Novembro.

A' ultima hora

Depois de impresso o presente opusculo, chegou-me acaso ás mãos um folheto de um tal sr. Elmano da Cunha, amigo (segundo parece) do sr. Quental. O estilo, o pensamento, a argumentação desse pobre folheto são deveras tanto abaixo do assumpto e do decoro que todos nos devemos, que me julgo inteiramente, não só dispensado mas até inhibido de responder lhe. O sr. Quental estava para mim em posição especiaissima, e foi por isso que analysei, conforme as minhas posses, o seu opusculo. Agora ao sr. Elmano, acharia indecente retorquir uma palavra sequer. No campo dos improperios, das intrigas, das calumnias villãs, das fabulas arteiras, e dos precipicios, não me bato. O sr. Antonio Feliciano de Castilho fica sempre o que é, apesar de todos os Elmanos da Cunha (cujo numero é infinito); e o sr. Elmano da Cunha depois de todas as esfregas ficaria tambem na mesma. Por isso, desejamos boa venda ao seu livrinho, mas resposta não lh'a damos.

Lisboa 29 de Novembro de 1865.